UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº17.228 de 25/11/2016
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS
SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2021

AS PERCEPÇÕES DAS FEIRANTES SOBRE A FEIRA LIVRE DA CIDADE DE ICHU-BA

Gleice Kelly Souza dos Santos[1]; João Diogenes Ferreira dos Santos[2]
1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduanda em Licenciatura Geografia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: gllestns@gmail.com
2. Orientador, Departamento Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: jdfsantos@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Feira Livre, Trabalho e Relações de Gênero.

INTRODUÇÃO

O Plano de Trabalho teve como objetivo analisar as sociabilidades, os saberes, as práticas e as relações de gênero tecidas na feira livre do município de Ichu-BA, a partir das percepções das mulheres feirantes que atuam nesse espaço. Deste modo, o corpus da pesquisa foi o espaço da feira livre do município de Ichu, no estado da Bahia.

As feiras livres sempre fizeram e fazem parte do cotidiano brasileiro, uma tradição vinda com os portugueses e que ainda hoje expressam sua centralidade em algumas cidades, principalmente, as localizadas no interior da região Nordeste do país. Um espaço de vendas, compras, trocas de informações e sociabilidades. Nas feiras livres encontra-se "de tudo e um pouco mais" (GALDINO DANTAS, 2008; SILVA BARBOSA, 2013; VEDANA,2013).

O Nordeste brasileiro é a região em que a prática da feira mais se destacou e se destaca, tendo importância em várias cidades da região. Algumas cidades, como por exemplo, Feira de Santana-BA, que se originou em meio às feiras de gado que aconteciam, durante a ocupação do interior nordestino (MOREIRA, 1997). A feira livre no Nordeste tem importância para o contexto da sua formação socioeconômica, e, é uma das principais formas de comercialização nessa região. Além desse aspecto econômico, a feira movimenta a dinâmica de uma cidade por algumas horas, reunindo pessoas de lugares diferentes, que durante a feira, tecem sociabilidades, saberes e práticas (GALDINO DANTAS, 2008; SILVA BARBOSA, 2013).

As relações de gênero estabelecidas, neste local, estão presentes nas diferentes atividades realizadas pelos feirantes e pelas feirantes, constituindo, no espaço, uma divisão por meio das relações de gênero. Temos como exemplo: para os homens, cabem as atividades exercidas nos açougues, no comércio de ferramentas, entre outros produtos relacionados, ideologicamente, ao papel masculino. Já as mulheres estão nas vendas de hortifruti, roupas, lanches etc. (OLIVEIRA, 2017). Estes produtos estão associados às atividades destinadas ao papel feminino.

O município de Ichu, que se localiza no interior do estado da Bahia, é situado a 181km de sua capital, Salvador. Em seus limites, tem os municípios de Candeal, Serrinha, Conceição do Coité e Riachão do Jacuípe, possuindo uma área de 138,17 km^2. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020), a estimativa da população para 2021 é de 6.232 habitantes e a densidade demográfica de 41,16 hab/km^2. Esse município, como muitos outros na região Nordeste, se baseia na agricultura de

subsistência, na pecuária de grande porte (gado leiteiro e equino), pequeno porte (caprino, galinácea), extração de frutas (Umbu), serviços, entre outras atividades (BRASIL, 2020). A feira livre nesse municipio se destacava na região, pois nela se reuniam comerciantes de varias localidades do nordeste. Em 1932, deu-se o início da construção do Barracão Municipal, espaço que foi destinado para a realização da feira, que acontecia e acontece em todas as segundas-feiras (ALMEIDA, 2018).

A partir dessa narrativa sobre a feira livre e sua relação com as cidades nordestinas, levantamos o seguinte questionamento: quais as sociabilidades, saberes e práticas produzidas na feira de livre de Ichu-BA, a partir das percepções das feirantes? Surgem, então, diversas outras perguntas em relação às percepções das feirantes, sobre como: elas enxergam a construção do espaço da feira; tratam as relações de gêneros deste local; a feira pode agregar os saberes e práticas que são produzidas neste espaço?

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

O recurso metodológico utilizado foi da entrevista semiestruturada, "*que combina perguntas fechadas e abertas, em que o [a] entrevistado [a] tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada*." (MINAYO, 2009, p. 64). No entanto, devido às medidas de isolamento social por conta da Covid-19, tivemos que readaptar os procedimentos metodológicos. As entrevistas tiveram que ser realizadas de forma remota, por meio do aplicativo *WhatsApp*.

Na busca para localizar as feirantes, utilizamos redes sociais, como *Instagram*, *WhatsApp* e *Facebook*, o que nos permitiu identificar moradores locais, que nos auxiliaram no contato com as feirantes. Um destes moradores foi um jornalista local, fundamental para esta pesquisa, pois ele quem conseguiu/intermediou o primeiro contato com as feirantes. Além disto, o jornalista cedeu algumas matérias jornalísticas e crônicas sobre a feira, que se tornaram fontes documentais para a pesquisa.

Feita esta incursão, por meio remoto, no *lócus* da pesquisa, conseguimos entrevistar quatro feirantes, trabalhadoras da feira livre de Ichu, e o jornalista mencionado acima. Além disso, o referido jornalista, no "dia de feira", fez uma chamada de vídeo, de 15 minutos, via o aplicativo *WhatsApp*, apresentando o espaço da feira, as relações entre as feirantes e os/as fregueses, as barracas onde são comercializados os produtos, as dinâmicas do espaço, entre outros aspectos.

Além desses procedimentos, recorremos aos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais – SEI e do site da Prefeitura Municipal de Ichu-BA.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

Com base nos dados das entrevistas e nos textos jornalísticos sobre a feira, observamos que, com o passar dos anos, a feira deixou de ser espaço principal de comercialização na cidade, pois muitas feirantes, as moradoras da cidade, perderam o interesse em comercializar na feira, uma vez que as vendas diminuíram com o crescimento dos pequenos mercados locais, denominado pelas entrevistadas e pelo entrevistado de quitandas, que vendem os produtos comercializados na feira durante a semana inteira, enquanto as feirantes só comercializam no dia da feira.

Apesar das mudanças acima relatadas, a feira livre de Ichu ainda contínua resistindo e se reinventando. A feira acontece todas as segundas-feiras das 05h às 12h da manhã, no Barracão Municipal da cidade. Como foi narrado pelas feirantes, o espaço da feira livre se divide entre alguns pontos fixos e as barracas que são montadas manualmente de baixo de uma cobertura, que apesar de algumas feirantes relatarem que o espaço da feira tem melhorado muito, outras relataram que ainda há necessidade de mudanças nas instalações dos pontos (boxes) e sanitários.

É importante mencionar que durante as entrevistas foi relatado, que a prefeitura do município de Ichu é responsável pelo espaço da feira, garantindo a limpeza, a segurança e as obras de infraestrutura. Mas, não tem nenhuma responsabilidade com as pessoas que trabalham no espaço da feira, pois são trabalhadores e trabalhadoras autônomos que utilizam o espaço público para comercializar seus produtos. Também observamos, a partir dos relatos das entrevistadas e dos textos sobre a feira livre de Ichu, não há nenhuma associação ou qualquer órgão que garanta os direitos dos/das feirantes ou os/as representem na luta por melhores condições de trabalho e mudança na infraestrutura da feira.

Outro aspecto que analisamos, foram às relações de trabalho estabelecidas no espaço da feira de Ichu, as atividades exercidas pelas feirantes, como vendas de lanches, roupas, biscoitos, beijus, hortifrúti, temperos, utensílios domésticos e refeições. Essas atividades são consideradas como funções de mulheres, concebidas como atributos naturais do feminino, portanto, são desvalorizados socialmente. (OLIVEIRA, 2017). Observamos por meio dos relatos das entrevistadas, das fotos e do vídeo, que a feira é dividida com base nas relações de gênero, as mulheres realizam as atividades ditas leves e de menor importância na dinâmica do espaço comercial da feira, enquanto os homens estão em ocupações consideradas pesadas, arriscadas e valorizadas. Mesmo que não haja uma diferença muito grande, ainda assim podemos ver que os lugares onde eles ocupam ainda tem essa padronização.

Apesar das desigualdades dos papeis de gênero existentes, e da dificuldade em vender as mercadorias, as feirantes afirmam que é interessante trabalhar na feira. As quatro entrevistadas narraram sobre as relações de amizade e solidariedade construídas com os fregueses e as freguesas, e entre elas. Falam também sobre as experiências e práticas adquiridas no trabalhado.

A feira livre de Ichu, em sua trajetória histórica, do pé de Flamboiã, da década de 30 do século XX, ao galpão com boxes, construído pela prefeitura, passou por diferentes configurações, não deixando de ser marco histórico e espaço de memórias da realidade local. Atualmente, apesar da concorrência dos pequenos mercados locais, o que ocasionou a diminuição dos fregueses e das feirantes, diminuindo sua a importância econômica para a cidade, a feira livre de Ichu continua resistindo, mesmo com as modificações que ocorreram nos últimos anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Com base nos dados analisados por meio do aporte teórico da pesquisa, podemos afirmar que a existência da feira livre de Ichu ainda é importante para o município, pois se constitui como marco cultural, identitário e de pertencimento. Mesmo que não tenha mais a centralidade que teve outrora, a feira tem importância econômica, social e cultural. Além de ser fonte da história e da memória local. As mulheres feirantes convivem com as desigualdades de gênero, demarcadas na divisão das atividades exercidas por mulheres e homens. As atividades das feirantes são consideradas, socialmente, “funções femininas”. Como mencionamos anteriormente, as mulheres comercializam lanches, roupas, biscoitos, beijus, hortifrúti, temperos, utensílios domésticos e refeições.

Além disso, poucas mulheres são proprietárias das barracas, muitas trabalham, ou arrendam, ou alugam de proprietários homens. As atividades exercidas, e o restrito acesso à propriedade do próprio comércio são configurações das desigualdades, expressas nos papeis de gênero estabelecidos socialmente (LOURO, 2000). Por outro lado, a feira livre permitiu que as mulheres pesquisadas pudessem criar redes de amizade e solidariedade, experiências saberes e práticas, ou seja, essas feirantes se constituem como trabalhadoras e mulheres, mesmo em uma realidade desigual economicamente e nas relações de gênero estabelecidas socialmente e historicamente.

A feira livre de Ichu contínua ocorrendo, apesar da diminuição do número de feirantes, que trabalhavam no município, e de fregueses, pois preferem, por ser vantajoso, comprar nos pequenos mercados locais. Podemos inferir que a feira resiste devido às amizades e à solidariedade, tecidas ao longo dos anos nesse espaço. Como observamos em algumas entrevistas, há fregueses que vão à feira para encontrar seus amigos, suas amigas, conversar, trocar saberes e práticas. Também a feira ainda é a fonte de geração de renda para as mulheres feirantes, é de onde sobrevivem e mantêm sua família.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Edcarlos. **A feira livre de Ichu**. Ichu Notícia. Ichu-BA. 2018. Disponível em: http://www.ichunoticias.com.br/2018/01/a-feira-livre-de-ichu-por-edcarlos.html. Acessado em: 05 de mar. 2021.

BRASIL. **IBGE Cidades**, 2020. Disponível em: www.cidades.ibge.gov.br. Acesso no dia 22 de março de 2020.

GALDINO DANTAS, Geovany Pachelly. **FEIRAS NO NORDESTE**. Mercator - Revista de Geografia da UFC, vol. 7, núm. 13, 2008, pp. 87-101 Universidade Federal do Ceará Fortaleza, Brasil.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Panorama das cidades – Ichu-BA** Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/ichu/panorama. Acessado em: 6 de dez. 2020.

LOURO, Gaucira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MOREIRA, Vicente Deocleciano. "**Projeto da Feira Livre de Feira de Santana"**. In: **Revista Sitientsbus.** n°17. Feira de Santana, Jul/Dez de 1997. pp. 305-335.

MINAYO, M. C. S; et al. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Editora Vozes. Petrópolis - RJ, 2009.

OLIVEIRA, Glenda Felix. **O trabalho infantil por meio das memórias das feirantes da CEASA de Vitória da Conquista-BA**. 2017. 134 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, Vitória da Conquista, 2017

SILVA BARBOSA. Andreia Cristina da. **RIQUEZA QUE MEXE COM OS SENTIDOS:** feira livre de Senhor do Bonfim. Repositório institucional UFBA. Salvador. 2013. Disponível em: http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/12935. Acessado em: 15 nov. 2020.

VEDANA, Viviane. **Fazer a feira e ser feirante: a construção cotidiana do trabalho em mercados de rua no contexto urbano**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 19, n. 39, p. 41-68, jan./jun. 2013